



## ENTRE AS ESPACIALIDADES DO MEDO E DA ESPERANÇA: (IN)TANGIBILIDADES DO ESPAÇO SAGRADO DO QUILOMBO DOS PALMARES EM ALAGOAS<sup>1</sup>

Rafael de Lima Silva <sup>2</sup>  
Getulio da Silva Henrique <sup>3</sup>

**RESUMO:** As espacialidades emocionais fazem parte da mediação das relações humanas com o meio existencial. As (in)tangibilidades compõem a conjunção do ser-no-mundo, denotando que a concretude se encontra além do que supomos ser objetividade, por meio dos objetos espacializados no mundo. Portanto, nossa pesquisa tem o intuito de desvelar o que por inúmeras vezes sofre a tentativa de apagamento: as religiões afro-brasileiras, entre as espacialidades do medo e da esperança. Este palimpsesto espacial é essencial à história da formação territorial brasileira. As religiões de matriz africana trazem em seu bojo conceitual a ideia de reterritorialização, (re)invenções de mundos, reconstrução das raízes e retomada de sentido. Adotamos fenomenologicamente a compostura de conceder voz aos agentes envolvidos neste processo, realizando nossa pesquisa de campo em um dos bairros do município de União dos Palmares – AL, aplicando um questionário no entorno do Centro Palácio de Ogum e Yemanjá (que possui vínculos com a Federação Zeladora das Religiões Tradicionais Afro-Brasileiras em Alagoas – FRETAB), para que extraíssemos os resultados referentes à reação dos moradores locais sobre a religiosidade afro-brasileira.

**Palavras-chave:** Espacialidades emocionais, Espaço Sagrado, Matriz Africana, Quilombo dos Palmares.

**RESUMEN:** Las espacialidades emocionales son parte de la mediación de las relaciones humanas con el entorno existencial. Las (in)tangibilidades componen la conjunción del ser-en-el-mundo, denotando que la concreción está más allá de lo que suponemos que es la objetividad, a través de objetos espacializados en el mundo. Por lo tanto, nuestra investigación tiene como objetivo develar lo que el intento de borrado ha sido sometido en innumerables ocasiones: las religiones afrobrasileñas, entre las espacialidades del miedo y la esperanza. Este palimpsesto espacial es esencial para la historia de la formación territorial brasileña. Las religiones de base africana traen en su núcleo conceptual la idea de reterritorialización, (re) invenciones de mundos, reconstrucción de raíces y reanudación del significado. Fenomenológicamente adoptamos la compostura de dar voz a los agentes involucrados en este proceso, realizando nuestra investigación de campo en uno de los barrios del municipio de União dos Palmares - AL, aplicando un cuestionario en torno al Palácio de Ogum e Yemanjá Center (que tiene enlaces con la Federación Guardiania de Religiones Tradicionales Afrobrasileñas en Alagoas - FRETAB), para que pudiéramos extraer los resultados sobre la reacción de los residentes locales sobre la religiosidad afrobrasileña.

**Palabras-clave:** Espacialidades emocionales, Espacio Sagrado, Matriz Africana, Quilombo dos Palmares.

---

<sup>1</sup> Artigo oriundo do projeto de pesquisa financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa de Alagoas (FAPEAL) e Coodenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

<sup>2</sup> Mestrando do Programa de Pós-graduação em Dinâmicas Territoriais e Cultura da Universidade Estadual de Alagoas - UNEAL, [rafaellimma2017@gmail.com](mailto:rafaellimma2017@gmail.com) ;

<sup>3</sup> Graduado do Curso de Geografia da Universidade Estadual de Alagoas - UNEAL, [henriquethor123@gmail.com](mailto:henriquethor123@gmail.com) .



## INTRODUÇÃO (JUSTIFICATIVA E OBJETIVOS)

A questão das emoções tem recebido enorme atenção nos últimos anos. Debater sobre as espacialidades relacionadas a subjetividade é um desafio que nos força a sair da zona de conforto daquilo que os olhos facilmente podem ver. Talvez, careçamos ainda de um bom tempo para que a ciência geográfica em nosso país saiba lidar com (in)tangibilidades. As espacialidades emocionais<sup>4</sup> pertencem ao campo simbólico, cuja mediação é possível graças a liberdade humana para conformar suas experiências no cotidiano.

Tal construção está diretamente vinculada ao espaço vivenciado, cujas expressões, representações e significações são modeladas de acordo com as experiências de cada ser humano. Este debate recebe fortes influências do filósofo alemão Martin Heidegger, quando alega que o ser-no-mundo é livre em uma matriz relacional que denota a totalidade de conjunção.

Nossa pesquisa tem o intuito de desvelar o que por inúmeras vezes sofre a tentativa de apagamento: as religiões afro-brasileiras. Neste caso, destacamos o Candomblé e a Umbanda na cidade de União dos Palmares – AL. O título traz o sentido de que o fiel desta matriz religiosa se encontra entre dois estados de espírito: medo e esperança. De um lado, o medo de professar publicamente a fé dos ancestrais; doutro, a esperança de dias melhores, nos quais poderão abertamente saírem às ruas sem que haja algum tipo de violência pelo simples fato de sua maneira de acreditar diferente dos demais. A relevância da pesquisa tem como principal justificativa o combate ao racismo e o preconceito velado que é revestido de “fé” nos discursos que satanizam as religiões afro-brasileiras.

Segundo Silva (2020), a emoção se concretiza na ação, tendo como alicerce o espaço vivenciado, no qual se encontram os sistemas simbólicos; é nesta conjuntura que ocorre as relações entre a consciência e a experiência, consideradas como totalidade. Tal espaço deve ser compreendido no âmbito funcional, não no sentido físico-estrutural, pois nele há conformação, modelação e organização. O objetivo deste artigo é descrever tais espacialidades vivenciadas pelos povos de terreiros em União dos Palmares – AL.

---

<sup>4</sup> Conceito proposto por Silva (2020) para designar a criação resultante da interação entre os agentes humanos e os espaços vivenciados.



## APORTE TEÓRICO

O fenômeno da diáspora teve como marco a perda do sentido coletivo, a ruptura da identidade e a operacionalização da violência eurocêntrica que culminou na fragmentação das relações dos africanos com seu lugar. As religiões de matriz africana trazem em seu bojo conceitual a ideia de reterritorialização, (re)invenções de mundos, reconstrução das raízes e retomada de sentido.

Quando retomamos a ideia de reconstrução, em se tratando do pensamento negro, somos obrigados ao ato de revisitar nomes como Sodré (2002), Elisa Larkin Nascimento (2008), Muanamosi Matumona (2008), Abdias Nascimento (2009), Reginaldo Prandi (2013), João Luiz Carneiro (2014), Volney José Berkenbrock (2012; 2014), Pierre Sanchis (2018), Catherine Cymone Fourshey (2019), V. Y. Mudimbe (2019), James Cone (2020), Toyin Falola (2020), Priscila Ceccatto de Cantuária (2020) e Du Bois (2021).

Nossa fundamentação encontra respaldo nas teorias locacional e epistemológica, de Rosendahl (2018) e Gil Filho (2008). Todavia, nosso desejo é transpor os limites de tais proposições teóricas, denominando nossa teoria como *translocacional*, cujo cunho fenomenológico e hermenêutico nos permita *descrever*, *classificar* e *interpretar* os fatos (fenômenos), estabelecendo uma estrutura que possa ser analisada pormenorizadamente. Destarte, nossa análise não se limita apenas na materialidade das paisagens religiosas dos substratos, nem mesmo na subjetividade dos símbolos religiosos, mas na fusão desses elementos, compositores do sagrado como centro, em cujo entorno gravitam a vida religiosa e cultural, a unidade entre mundos, a sociedade e o cosmos – macrocosmos e microcosmos – indissociáveis em essência.

Nossa teoria possibilita a *falseabilidade* de maneira eficaz da ideia estabelecida pela estrutura religiosa vigente no país; neste caso, o cristianismo radical e institucional, ou seja, um plano de dominação legitimado pelo corpus estatal. São as contribuições de Matumona (2008), Berkenbrock (2012; 2014) e Cone (2020) que permitem um novo olhar com relação ao cristianismo saudável, capaz de dialogar com religiões diversas, inclusive, com as de matriz de africana.

Seguindo esta empreitada, o bispo anglicano John Shelby Spong (?), afirma que jamais faria parte de uma comunidade racista, sexista e/ou homofóbica. Ora, nossa proposta é uma abordagem pautada na ideia de *(in)tangibilidades espaciais*, (re)considerando o revestimento simbólico da religião espacializada em questão.



## **METODOLOGIA**

Partimos de uma revisão de literatura que nos permita pensar as espacialidades emocionais, bem como a religião afro-brasileira, seus ritos e tradições, o sentido de lugar vivenciado pelos partícipes. A pesquisa *in loco* permitiu-nos um maior aprofundamento em se tratando da coleta de informações por meio de fotografias, entrevistas e dados com o órgão responsável pelo Quilombo dos Palmares, Patrimônio Cultural do Mercosul. Foi-nos permitido por meio de solicitação adequadamente documentada, a coleta de dados quantitativos de visitantes (entre os anos 2018 e 2021) do Parque Memorial Quilombo dos Palmares.

Este artigo abordará a espacialidade do fenômeno religioso dos terreiros de matriz africana no município de União dos Palmares – AL, no qual se encontra o último dos quilombos, o Quilombo dos Palmares. Adotamos o método fenomenológico, que concede voz aos agentes modeladores. Nosso recorte de pesquisa foi o bairro Newton Pereira Gonçalves. Trilhamos os seguintes passos metodológicos:

- i. Mapeamento da área;
- ii. Descrição do Parque Memorial do Quilombo em União dos Palmares – AL;
- iii. Pesquisa de campo no bairro supracitado;
- iv. Aplicação de questionário com a vizinhança do Centro e entrevista com o líder responsável pelo terreiro em questão.

## **RESULTADOS E/OU DISCUSSÕES**

Desde Nina Rodrigues ([1896] 2006), retratando a violência senhorial legitimada pela crença cristã, o temor com relação aos “feitiços” e a diluição da crença e sentimento religiosos, efetuamos nossa pesquisa de revisão de literatura até encontrarmos as obras *O Negro Brasileiro: 1º volume: ETHNOGRAPHIA RELIGIOSA*, de Arthur Ramos (1940), *As religiões africanas no Brasil. 2 vol e Estudos Afro-Brasileiros*, de Roger Bastide (1971; 1983), *O que é Umbanda*, de Patrícia Birman (1983) e *A morte branca do feiticeiro negro: umbanda e sociedade brasileira*, de Renato Ortiz (1999).

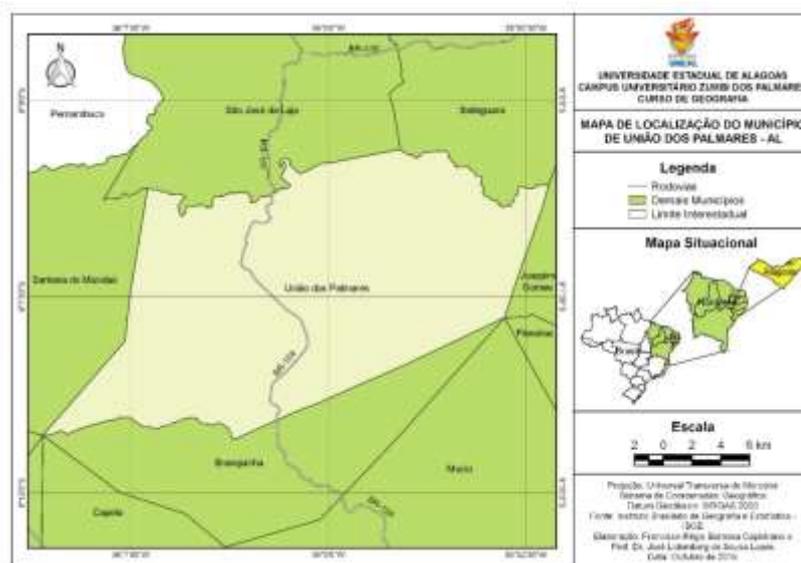
Este arcabouço nos permitiu a realização de uma análise mais apurada sobre a questão negra no nosso país. Alexandre Cumino, em *História da Umbanda: uma religião brasileira* (2015, p. 287-288) descreve a obra de Nina Rodrigues como detalhada e



rigorosa em pontos fundamentais de vivência com os povos de terreiro, mas carregada de uma visão preconceituosa, pois o autor acreditava que estava estudando uma cultura atrasada.

Medo e fascínio, atração e repulsão são formas de nos relacionarmos com fenômenos que são extraordinários porque colocam em cheque várias idéias [SIC] preconcebidas que cultivamos na nossa cultura. Pois o tema da possessão diz respeito à *mudança radical* que se processa nas pessoas por intermédio do transe. (BIRMAN, 1983, p. 7-8)

É a lógica cristã dominante que sai em ataque aos cultos de matriz africana, valendo-se de seu poder político na estrutura social que lhe caiba, exercendo sua repressão aos cultos dos terreiros. Outrora, as fogueiras eram o mecanismo de punição para os considerados hereges, mas atualmente, os discursos revestidos de intencionalidades religiosa e político-econômica, ferem e tentam apagar este palimpsesto histórico afro-brasileiro. Se os corpos das mulheres eram possuídos pela igreja (cristã) em tempos remotos, hoje, os corpos (negros) são vigiados, caçados e exterminados por uma lógica repressora embranquecida.



**Mapa 1:** Localização de União dos Palmares/AL. **Fonte:** Francisco Régis Barbosa Capistrano e Prof. Dr. José Lidemberg de Sousa Lopes, 2015.

A nova configuração regional com relação ao Estado de Alagoas o dividiu em duas Regiões Intermediárias: Maceió e Arapiraca. Nestas regiões, encontramos as Regiões Imediatas, compostas por municípios menores. É neste contexto que União dos Palmares – AL é considerada como cidade central na denominada Região Imediata homônima, composta por 6 municípios: Murici, Branquinha, União dos Palmares, Santana do Mundaú, São José da Laje e Ibataguara (conforme o mapa 1 demonstra).



QUANTITATIVO DO FLUXO TURÍSTICO DO PARQUE MEMORIAL QUILOMBO DOS PALMARES  
SERRA DA BARRIGA – UNIÃO DOS PALMARES - ALAGOAS  
2018 A ABRIL DE 2021

VISITANTES BRASILEIROS

ESTADOS	ANO-2018	ANO-2019	ANO-2020	ANO-2021
	VISITANTES	VISITANTES	VISITANTES	JAN A ABRIL VISITANTES
ACRE	09	07	-	14
ALAGOAS	5.939	18.453	4.358	3.143
AMAZONAS	03	03	20	10
AMAPÁ	-	04	-	01
BAHIA	124	237	156	68
CEARÁ	85	228	40	23
ESPIRITO SANTO	09	33	38	10
DISTRITO FEDERAL	66	217	70	51
GOIÁS	18	109	65	14
MARANHÃO	09	32	12	05
MINAS GERAIS	174	333	216	69
MATO GROSSO	23	35	41	14
MATO GROSSO DO SUL	09	67	59	11
PARÁ	09	29	10	4
PARAÍBA	115	156	57	24
PARANÁ	117	199	128	66
PERNAMBUCO	1.228	2.812	711	317
PIAUI	19	07	21	07
RIO DE JANEIRO	215	211	214	81
RONDÔNIA	20	48	16	03
RORAIMA	02	02	-	05
RIO GRANDE DO SUL	232	225	90	68
RIO GRANDE DO NORTE	43	102	41	31
SANTA CARARINA	47	66	60	30
SERGIPE	93	104	49	34
SÃO PAULO	876	2251	1.106	499
TOCANTINS	-	07	12	-
<b>TOTAL</b>	<b>9.444</b>	<b>25.977</b>	<b>7.590</b>	<b>4.602</b>

**Quadro 1:** Fluxo turístico de brasileiros na Serra da Barriga. **Fonte:** Cedido gentilmente pela Fundação Palmares (Alagoas), maio/2021.

Em meio ao momento de crise em se tratando de racismo e violência das religiões afro-brasileiras, ainda é Alagoas que mais impulsiona o turismo da Serra da Barriga, seguido por Pernambuco e São Paulo. É importante também ressaltar que alguns líderes religiosos consideram determinadas ações políticas como perversas e desrespeitosas, como em uma de nossas entrevistas no dia 20 de novembro de 2018, na qual um sacerdote disse:

O evento em si é um evento maravilhoso, é um evento que tem como passar muitas informações, sobre a ancestralidade, mas aí deixa muita coisa a desejar... como por exemplo, todo dia 20 a gente que, somos [SIC] da religião, passamos por várias dificuldades pra vim aqui pra fazer todo ritual, pra fazer oferenda à Zumbi, que é aos ancestrais, que é aos outros que participaram aqui, que viveram... e é um constrangimento muito... muito forte que a gente passa, e outra coisa: até uma hora dessa estamos aqui num sol desse esperando as autoridades, que eu acho que é uma falta de respeito também com a gente da religião e... sempre é a mesma coisa. E todos os anos se repete

a mesma coisa e a gente tá aqui. Eu acho que poderia melhorar. Melhorar... melhorar não no sentido de dizer: ficou melhor! Pra o melhor mesmo! Não só pras autoridades, mas pra todo o grupo, todo o pessoal da matriz africana [...].<sup>5</sup>

Tais constrangimentos se repetem anos após anos. Os conflitos internos fornecem oportunidades para os que politicamente são mais próximos dos governantes, enquanto as comunidades sofrem coletivamente. O Parque Memorial já estava num período de 14 anos sem que os guias de turismo fossem diplomados. Tal feito, por fim, se concretizou apenas em junho de 2021. No evento, autoridades locais compareceram (contudo, devido o tempo de pandemia e restrições, não houve maior divulgação nem aglomeração).

**COMPÊNDIO DO QUANTITATIVO DO FLUXO TURÍSTICO DO PARQUE MEMORIAL  
QUILOMBO DOS PALMARES  
SERRA DA BARRIGA – UNIÃO DOS PALMARES - ALAGOAS  
2018 A ABRIL DE 2021**

<b>PÚBLICO</b>	<b>ANO 2018</b>	<b>ANO 2019</b>	<b>ANO 2020</b>	<b>ANO 2021 Jan a abril</b>
<b>VISITANTES BRASILEIROS</b>	9.444	25.977	7.590	4.602
<b>ESTIMATIVA DE PÚBLICO 20 DE NOVEMBRO</b>	4.000	8.000	Devido à Pandemia da COVID-19, o acesso à Serra da Barriga foi limitado em 300 (trezentas) pessoas, seguindo a determinação das autoridades governamentais de Alagoas.	-
<b>VISITANTES ESTRANGEIROS</b>	94	136	97	22
<b>TOTAL GERAL</b>	<b>13.538</b>	<b>34.112</b>	<b>7.987</b>	<b>4.624</b>

**Quadro 2:** Fluxo turístico (Geral) da Serra da Barriga. **Fonte:** Cedido gentilmente pela Fundação Palmares (Alagoas), maio/2021.

Conforme os dados do quadro acima, o ano de 2019 chamou bastante atenção, pois o número de visitantes brasileiros quase que triplicou, a estimativa do público no dia 20 de novembro duplicou e um maior número de visitantes estrangeiros também foi detectado. Foi neste ano, anterior ao processo que vivemos (de pandemia), que o Governo de Alagoas divulgou a pavimentação da estrada que fornece acesso direto ao Parque Memorial Quilombo dos Palmares.

Este fator reforçou também a repetição das práticas de proselitismo forçado, considerado por nós um ato de violência simbólica, cometido por alguns religiosos de denominações cristãs e/ou derivadas de segmentos judaico-cristãos. Estes pontos

<sup>5</sup> Ver em Xavier e Silva, 2019, p. 4-5.

sinalizam o medo e ao mesmo tempo dão espaço ao sentimento de esperança de que um dia os religiosos de matriz africana possam vivenciar sua fé de maneira livre, amparados pela Constituição Federal na prática, reconhecidos como religião, não apenas como cultura afro.

O terreiro, nos dizeres de Sodré (2002) representa a extensão da cultura afro, a memória dos antepassados, a (re)territorialização do patrimônio cultural negro africano. Este espaço sagrado surge no fim do século XIX, com o intuito de transmitir e preservar a fé africana, definido como um conjunto organizado de representações litúrgicas, de rituais.

Os fragmentos e diversos ritos, em diversos espaços, áreas territorializadas pelas forças da natureza e por ancestrais africanos que partiram (mas suas energias permaneceram nos elementos naturais), foram reunidos em um só ambiente, uma fusão de tudo quanto a memória da mãe africana pretende transmitir, torna-se concreta por meio do terreiro. O terreiro possibilitou a proclamação da esperança negra em terras estranhas, bem como a implantação de uma cosmovisão exilada.

A natureza tornou-se mercadoria; e quando os recursos da natureza estão ligados ao exercício da adoração, com seus símbolos de fé, a religião exige uma certa despesa<sup>6</sup>. Na religião afro-brasileira não é diferente: os ritos exigem um custo; este custo tem uma conexão direta com a natureza, pois os orixás, segundo as narrativas míticas do terreiro, são encarregados pelo Ser Supremo, do ato criativo e de gestão do mundo<sup>7</sup>.

Cada região ou território africano tinha um orixá específico como elo ao culto dos ancestrais; no Brasil, o terreiro torna-se este espaço de totalidade que absorve para si a sacralidade da fé em sua inteireza. As danças e os ritos expressam o axé (a força realizadora); não há o conceito cristão de pecado, mas sim a alegria, a celebração.

Conforme Cantuária<sup>8</sup>, a retomada do culto à divindade ancestral em terras estranhas, por pessoas em condição de escravidão, é o legado religioso e de fé resistente e re-humanizador, significando a reconquista da humanidade rapinada, ou como alguns preferem, trata-se da reterritorialização operada pelo terreiro através do sagrado<sup>9</sup>.

A Serra da Barriga se encontra no planalto da Borborema, no município de União dos Palmares, na Região Imediata homônima, considerada por nós em um trabalho

---

<sup>6</sup> Deffontaines, 1948, p. 263.

<sup>7</sup> Cantuária, 2020.

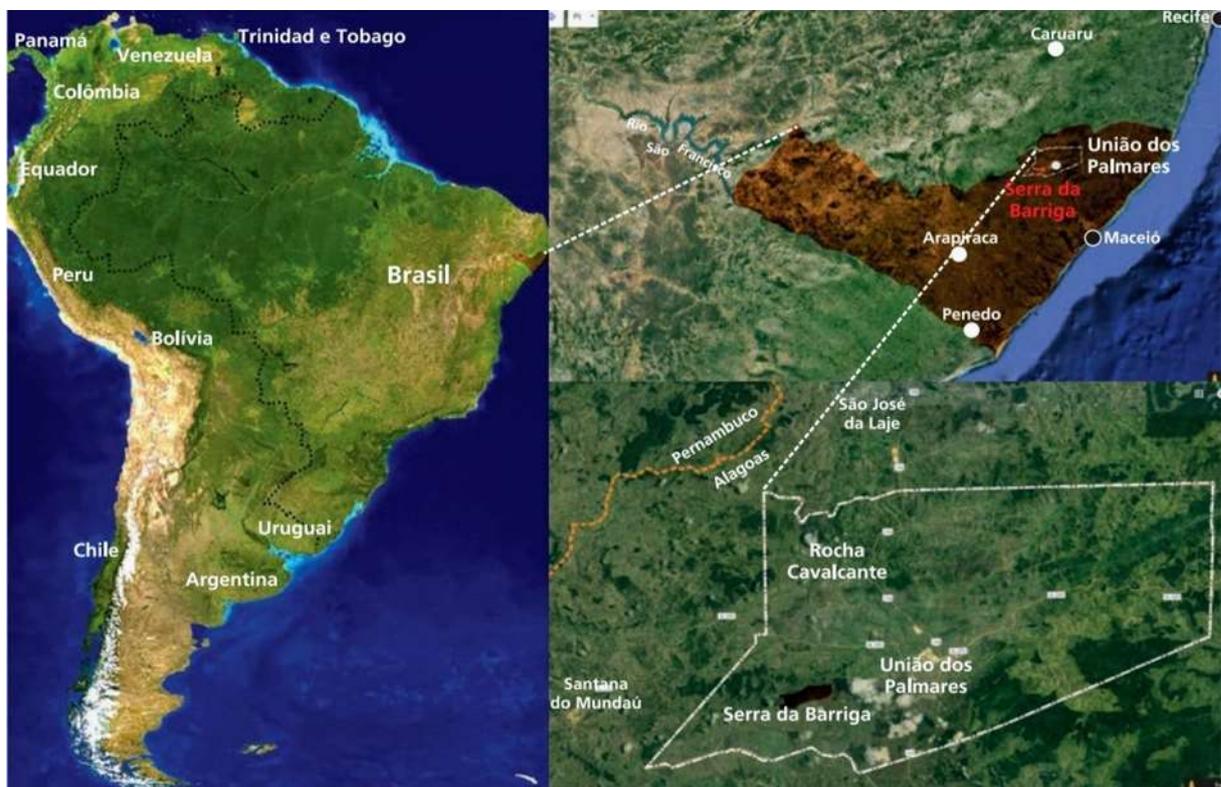
<sup>8</sup> \_\_\_\_\_.

<sup>9</sup> Sodré, 2002, p. 55



anterior, como antiga zona canavieira. A fundação Cultural Palmares<sup>10</sup> recebeu em 1988 o poder gestor deste Monumento Nacional, conforme o Decreto Federal nº 96.038, de 12 de maio de 1988; todavia, somente em 1998 foi transferida a posse à Fundação Cultural Palmares, atual responsável pela manutenção e preservação da Serra<sup>11</sup>.

O espaço sagrado da Serra da Barriga é um *nomos místico*<sup>12</sup>, geossímbolo que comporta em si os processos ritualísticos fundadores, por meio dos quais a multiterritorialidade possibilita uma teia simbólica de ações de diversos agentes envolvidos na dinâmica do lugar. Vale ressaltar que se trata da fonte geradora de sentidos que tem estreita ligação com as práticas espaciais.



**Imagem 1:** Localização da Serra da Barriga. **Fonte:** Dossiê de Candidatura da Serra da Barriga, 2017.

Oliveira (2014) diz que os elementos experienciais geram um *sentido de lugar*; isto se aplica perfeitamente ao Parque Memorial do Quilombo, pois nele estão contidas as memórias dos ancestrais, vivas, por meio de cada representação: fonte de Dandara,

<sup>10</sup> Entidade pública brasileira vinculada ao Ministério da Cultura, instituída pela lei 7.668, de 22 de agosto de 1988, tendo como objetivos a promoção e desenvolvimento de valores culturais, sociais e econômicos, relacionados ao povo negro.

<sup>11</sup> Ballester [et al.], 2017, p. 7.

<sup>12</sup> Andreotti, 2013.



lagoa encantada e a gameleira sagrada – Irôco. Este conjunto de símbolos compõe a *alma do lugar*<sup>13</sup>.



**Imagem 2:** entrada de acesso para a Serra da Barriga. **Fonte:** acervo pessoal do autor (2021).

A placa do acesso tem como companhia cartazes convidativos para uma boa refeição. As dimensões estão entrelaçadas, a cultura dialoga com a economia, a religião dialoga com a política; contudo, nosso intuito aqui, é abordar apenas a dimensão cultural e religiosa. Por sua vez, ela é composta por formas espaciais simbólicas (vide a imagem a seguir).



**Imagem 3:** Fonte Dandara. **Fonte:** acervo pessoal do autor (2021).

<sup>13</sup> Ou nos dizeres de Edward Relph (2014), o *espírito de lugar*.



A fonte de Dandara no caminho representa a provisão rumo à Serra e, talvez, um tributo ao orixá das pedreiras (e o guerreiro) Xangô. Os rituais dependem dos recursos naturais, pois os orixás são representações de cada elemento, tendo em vista que suas formas têm forte conexão com o processo de sincretismo, cuja finalidade foi a adaptação para perseverar no exílio.



**Imagens 4 e 5:** momento de celebração no dia 20 de novembro de 2019. **Fonte:** acervo pessoal do autor.

No Dia da Consciência Negra, reúnem-se em suas mais diversas formas de crer, os religiosos de matriz africana, simpatizantes do movimento, agentes políticos, universitários, turistas, etc., para celebrar na Serra da Barriga, a memória do líder guerreiro, morto em Viçosa: Zumbi. Conforme as imagens 1 e 2, Obaluaie (orixá da terra) e Oxóssi (orixá das matas) recebem homenagens. Nos dizeres de Tuan (2012; 2013), trata-se de uma *topofilia* ou *espaço experiencial*.

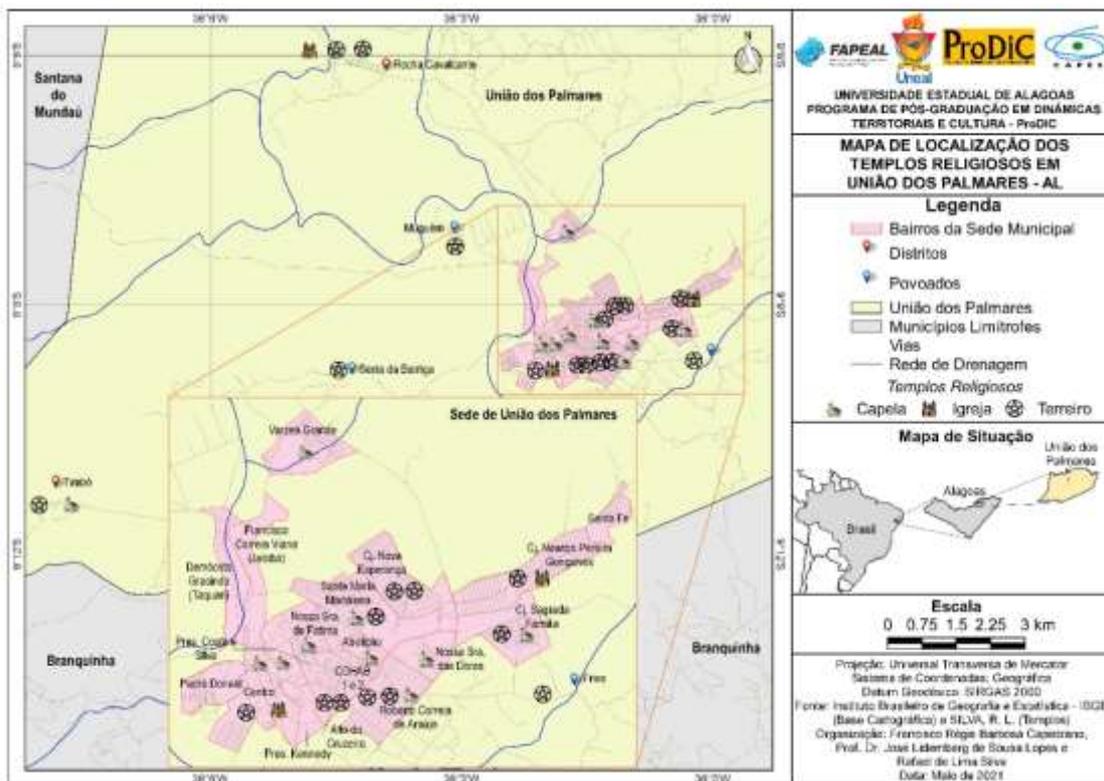


**Imagens 6 e 7:** lagoa encantada dos negros. **Fonte:** acervo pessoal do autor (2017 e 2019)

A representação da purificação da vida por meio da lagoa encantada, enaltece Oxum (orixá dos rios) e Iansã (orixá dos ventos). A religiosidade e a beleza simbólica não pretendem resgatar a ancestralidade; discordamos de Cantuária (2020, p. 77), na



medida em que nada está perdido nem se encontra soterrado o bastante à ponto de ser esquecido; as forças da natureza que regem o mundo se encontram bem perto de nós.

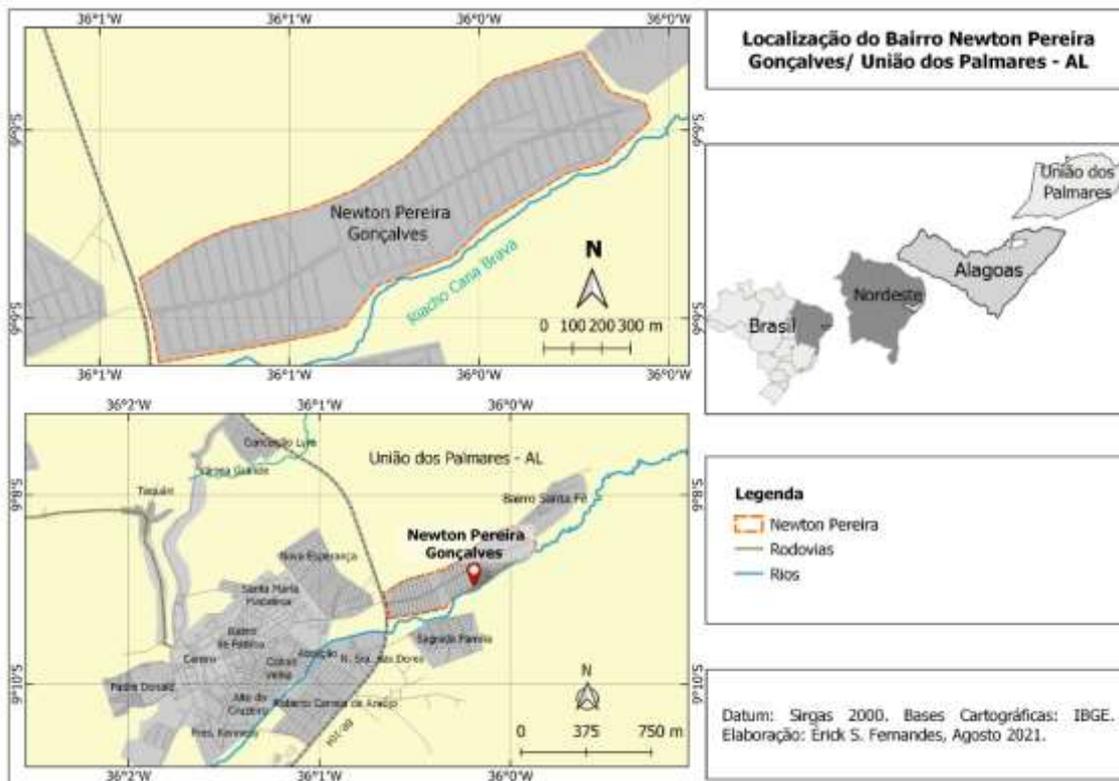


**Mapa 2:** Localização dos fixos religiosos (católicos e afro) em União dos Palmares – AL. **Fonte:** Francisco Régis Barbosa Capistrano, Prof. Dr. José Lidemberg e Rafael de Lima Silva, 2021.

Detectamos em União dos Palmares (até o momento) 16 fixos religiosos de matriz africana e 16 fixos da Igreja Católica. Nossa maior dificuldade tem relação com a (in)visibilidade que os próprios membros religiosos provocam, quando em sua maioria, negam entrevistas, evitam algum tipo de contato, quer seja por timidez ou medo, ou mesmo por repressão dos demais religiosos de vertentes cristãs, temos uma espécie de cortina de ferro em se tratando do diálogo com os partícipes desta esfera religiosa.

Percebemos que seria bem mais proveitosa a pesquisa se adotássemos uma metodologia diferente (outrora, procuramos a secretaria de cultura do município, tendo pouco êxito<sup>14</sup>): realizamos uma pesquisa de campo, tendo em mãos um questionário com perguntas abertas. Todas as questões tinham estreita relação com as espacialidades emocionais que poderiam ser facilmente detectadas em cada resposta coletada.

<sup>14</sup> Os membros sentem muita dificuldade em se tratando de expressão religiosa e exposição da fé.



**Mapa 3:** Localização do bairro Newton Pereira Gonçalves. **Fonte:** Érick S. Fernandes, 2021.

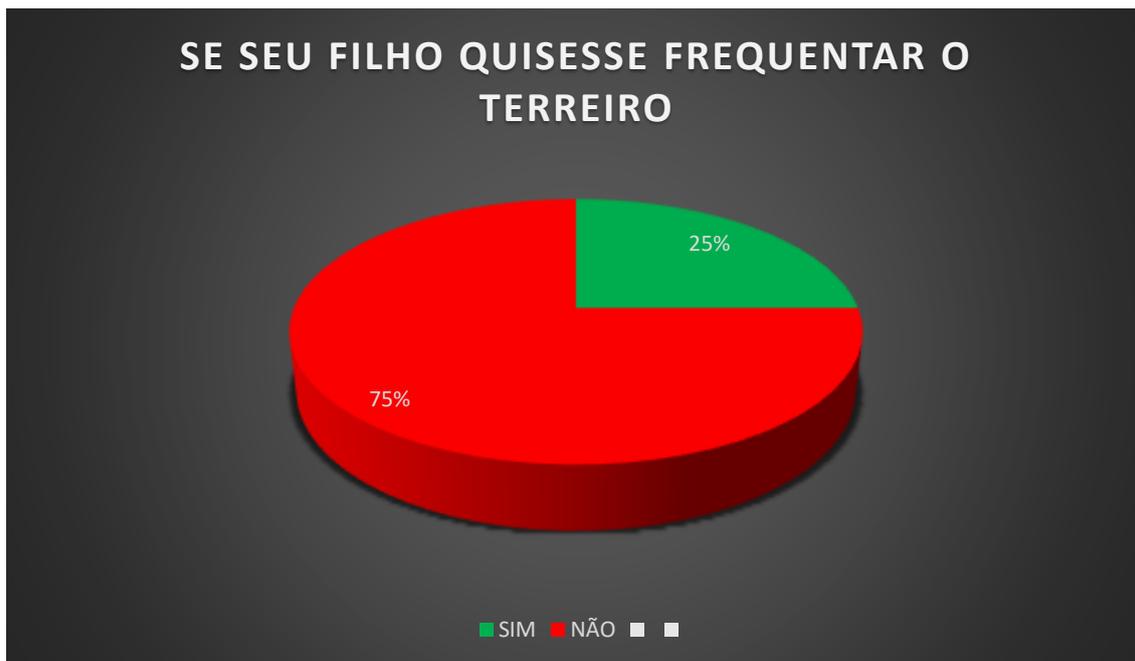
Visando a extração da espacialidade destes sentimentos, realizamos uma pesquisa no bairro Newton Pereira Gonçalves, nas Quadras D2 e E2, no entorno do Centro Palácio de Ogum e Yemanjá, liderado pelo Babalorixá Robson Cariolano da Silva, possuindo um Alvará de Funcionamento devidamente assinado e reconhecido pela Federação Zeladora das Religiões Tradicionais Afro-Brasileiras em Alagoas – FRETAB/AL, na pessoa de seu Presidente Estadual.



**Gráfico 1:** Reação dos vizinhos por existir um terreiro no local. **Fonte:** Autores.



Aplicamos o questionário em 22 residências no entorno do Centro supracitado. É impressionante o fato: apenas um dos entrevistados relacionou diretamente os religiosos de matriz africana como boas pessoas. Os demais demonstraram sempre uma ressalva, tendo em vista que relacionavam a religião ao mal, ao fato de não gostar, ao incômodo (devido ao barulho das reuniões) e ao medo. O preconceito é revestido de vários estratos, associando a experiência dos integrantes da religião com algo malévolos e diabólico.



**Gráfico 2:** Reação diante da pergunta: Se seu filho quisesse frequentar o terreiro [...]. **Fonte:** Autores, 2021

Dentre as perguntas, destacamos aqui uma proposital que visava extrair a reação do âmagos de cada residente, referente ao possível interesse do filho ou filha querer frequentar a religião. 75% foram enfáticos em dizer “NÃO!”, apenas 25% responderam que “SIM”, seguidos das mais diversas frases. As expressões em sua maioria eram: “NÃO PERMITIRIA”, “NÃO PODERIA FAZER NADA, MAS MEU CONSELHO SERIA PARA QUE NÃO FOSSE”, “NÃO QUERIA DE JEITO NENHUM”, “NÃO DIZIA NADA, MAS GRAÇAS A DEUS, MEU FILHO É EVANGÉLICO”, “NÃO! LÁ COM CERTEZA NÃO TEM DEUS!”.

As espacialidades emocionais são constituídas pela interação humana com o meio em sua potencialidade, revestidas de uma estratificação profunda da fusão dos elementos considerados como objetivos e subjetivos. Esta fusão origina o que temos como concreto, espacializado de alguma maneira, manifesto em ato. Conforme nossa pesquisa de campo,



os discursos carregam intencionalidades explícitas e/ou implícitas. Muitos podem até negar diretamente o racismo, contudo, percebemos implicitamente que este tipo de preconceito se encontra velado em frases seguidas do “mas [...]”.



**Figura 8:** Residência de um dos simpatizantes da religião. **Fonte:** Autores, 2021.

Um dos poucos que reagiram de maneira positiva ao responder nosso questionário, tem no muro de sua residência símbolos da religião, demonstrando ser simpatizante e diz “ser algo bonito”, admira os ritos e as danças, as expressões visuais são atrativas para ele. Sua esposa diz que a vizinhança o chama de “macumbeiro”, mesmo não sendo membro da religião.

Em uma outra residência, encontramos três pessoas reunidas, porém, uma delas se retirou quando mencionamos nosso projeto de pesquisa e o intuito de nossa ida ao bairro. Os dois que nos atenderam, disseram: “[...] é por que ele é evangélico”. Continuamos a pesquisa, guardando este motivo, mas sem transparecer o impacto que a maneira preconceituosa produziu em nós.



**Figuras 9 e 10:** Objetos de culto na sala do Centro. **Fonte:** Autores, 2021.

Entrevistamos o babalorixá responsável pelo Centro Palácio de Ogum e Yemanjá [SIC]. Ele se denomina como mãe Michelly de Ogum. Ao ser questionada sobre a linha da qual faz parte, respondeu que é Nagô Egba (recebe este nome devido sua origem nigeriana), tendo como principal orixá Yemanjá, não impedindo que haja mais divindades cultuadas no panteão Yorubá. Embora tenha ficado claro que se trata da religião do Candomblé, ela professou que é também Umbanda Nação Sete Linhas (Religiosa, Povo d'água, Justiça, Demandas, Caboclos, Crianças e Pretos Velhos ou Almas), carregando um sincretismo profundo desde os tempos da África.

Percebemos que uma das preocupações da entrevistada foi frisar a memória afro, por meio dos ritos que foram ensinados por seu “pai” da Bahia. Ouvimos também suas queixas sobre muitos líderes não realizarem os rituais em favor de pessoas mais pobres. Neste quesito, assim como as religiões cristãs, a religião de matriz africana mostra que lá também não é um lugar livre de pessoas gananciosas.

O diferencial na fundamentação teológica afro-brasileira diante da teologia judaico-cristã se encontra na base existencial. Os judeus e cristãos se apoiam nos livros “sagrados”, enquanto os afro-brasileiros, mesmo tendo suas narrativas míticas, não possuem livros sagrados, mas consideram as experiências como o que há de mais sagrado, volúvel e particular.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nossa trajetória nesta pesquisa tem sido fecunda na medida que avançamos com visitas in loco, aplicando questionários e entrevistando diversas pessoas. Diante de toda a produção literária sobre as questões afro-brasileiras, retemos aqui a constatação de que o preconceito ainda prevalece mesmo diante do contexto brasileiro de democracia e laicidade do Estado.

A Serra da Barriga, conforme mencionamos anteriormente, como *nomos místico*, comporta uma teia de significância para os partícipes das religiões afro. Talvez, seja por isso mesmo que o lugar é associado aos negros; não somente pela história de Zumbi ou dos escravos, mas sim pelo fato do Dia da Consciência Negra ter como marco fundador a Serra.

“Entre as espacialidades emocionais do medo e da esperança” é um título sugestivo quando lidamos com a questão da diversidade e percorremos as trilhas do preconceito, transvestido de valores espirituais. O intuito deste ensaio é a reflexão sobre as espacialidades emocionais, em especial, o medo e a esperança. Ainda é cedo demais para elucidarmos em detalhes os principais motivos do preconceito das pessoas relacionado ao terreiro. Todavia, os números de nossa amostra de um dos bairros denotam que a influência cristã (em especial, de evangélicos) acarreta uma produção discursiva que violenta simbolicamente religiões que não professam o mesmo ideal.

É de suma importância registrar que os resultados dessa amostra coletada indicam a opinião e concepção de uma vizinhança predominantemente cristã. A maneira como o medo e as emoções relacionadas ao mal se espacializam por meio do discurso que visa a legitimação do ideal do cristianismo institucional excludente, é apenas a prévia de que precisamos avançar na busca de uma melhor compreensão do motivo de tamanha exclusão e violência simbólica.

Gostaríamos de frisar mais uma vez nossos agradecimentos aos órgãos que possibilitam uma melhor qualidade de pesquisas acadêmicas, tendo em vista que esta abordagem é fruto de nosso trabalho no Programa de Pós-graduação em Dinâmicas Territoriais e Cultura (ProDic) da Universidade Estadual de Alagoas – UNEAL, financiado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) e Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Alagoas (Fapeal).



## REFERÊNCIAS

ANDREOTTI, G. **Paisagens culturais**. – tradutores Ana Paula Bellenzier [et al.]; revisão da tradução Giuliana Andreotti e Iria Zanoni Gomes. – [Curitiba, PR.]: Editora UFPR, 2013.

BASTIDE, R. **As religiões africanas no Brasil. 2 vol.** – São Paulo: Perspectiva, 1971.

\_\_\_\_\_. **Estudos Afro-Brasileiros**. – São Paulo: Perspectiva, 1983.

BERKENBROCK, V. J. **A experiência dos orixás: um estudo sobre a experiência religiosa no Candomblé**. 4. ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

\_\_\_\_\_. A teologia como sabedoria iniciática: elementos para uma teologia fundamental afro-brasileira. IN: **Teologia Afro-brasileira**. – Irene Dias de Oliveira, Maria Elise G. B. M. Rivas, Érica Jorge, organizadoras. – São Paulo: Arché Editora, 2014.

BIRMAN, P. **O que é Umbanda**. – São Paulo: Editora Brasiliense, 1983.

CANTUÁRIA, P. C. **A religiosidade negra em uma sociedade estruturalmente racista: a liberdade de fé dos povos tradicionais de terreiro**. – 1.ed. – Belo Horizonte: Editora Dialética, 2020.

CARNEIRO, J. L. **Religiões afro-brasileiras: uma construção teológica**. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

CONE, J. H. **Teologia negra**. – Tradução Daniele Damiani – D&D traduções.b- São Paulo: Recriar, 2020.

\_\_\_\_\_. **Deus dos oprimidos**. – tradução Denise Azevedo de Oliveira – D&D Traduções. – São Paulo: Recriar, 2020.

CUMINO, A. **História da Umbanda: uma religião brasileira**. – São Paulo: Madras, 2015.

FALOLA, T. **O poder das culturas africanas**. tradução de Beatriz Silveira Castro Filgueiras. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2020.

FOURSHEY, C. C. **África Bantu**. tradução de Beatriz Silveira Filgueiras. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.



GIL FILHO, S. F. **Espaço sagrado: estudos em geografia da religião.** – Curitiba: Ibpes, 2008.

MUDIMBE, V. Y. **A invenção da África: gnose, filosofia e a ordem do conhecimento.** tradução de Fábio Ribeiro. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.

MATUMONA, M. **Teologia africana da reconstrução como paradigma epistemológico, contributo lusófono num mundo em mutação.** – Roma Editora: Lisboa, 2008.

NASCIMENTO, A. Quilombismo: um conceito emergente. IN: **Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora.** Elisa Larkin Nascimento (org.). São Paulo: Selo Negro, 2009.

NASCIMENTO, E. L. Introdução às antigas civilizações africanas. IN: **A matriz africana no mundo.** Elisa Larkin Nascimento, (org.). São Paulo: Selo Negro, 2008.

\_\_\_\_\_. As civilizações africanas no mundo antigo. IN: **A matriz africana no mundo.** Elisa Larkin Nascimento, (org.). São Paulo: Selo Negro, 2008.

ORTIZ, R. **A morte branca do feiticeiro negro: umbanda e sociedade brasileira.** – São Paulo: Brasiliense, 1999.

PRANDI, R. As religiões afro-brasileiras em ascensão e declínio. IN: **Religiões em movimento: o Censo de 2010.** – Faustino Teixeira, Renata Menezes (orgs.). – Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

RAMOS, A. **O Negro Brasileiro: 1º volume: ETHNOGRAPHIA RELIGIOSA.** – 2ª edição aumentada. – São Paulo – Rio – Recife – Porto Alegre: Companhia Editora Nacional, 1940.

ROSENDAHL, Z. **Uma procissão na geografia.** – Rio de Janeiro : EdUERJ, 2018.

RODRIGUES, N. **O animismo fetichista dos negros baianos.** – Apresentação e notas Yvonne Maggie, Peter Fry. Ed. fac-símile. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional/Editora UFRJ, 2006.

SANCHIS, P. **Religião, cultura e identidades: Matrizes e matizes.** organização Mauro Passos e Léa Freitas Perez. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.



XIV ENCONTRO NACIONAL DE  
PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM  
**GEOGRAFIA**

ENANPEGE  
ENANPEGE  
ENANPEGE

SILVA, M. A. S. GIL FILHO, S. F. Sobre o conceito de espaço vivenciado: refletindo as espacialidades a partir das experiências emocionais. IN: **Geograficidade** | v.10, n. Especial, Outono 2020.

SODRÉ, M. **O terreiro e a cidade: a forma social negro-brasileira.** – Rio de Janeiro: Imago Ed.; Salvador, BA: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 2002.

XAVIER, A. B.; SILVA, R. L. A Serra da Barriga em União dos Palmares – AL e a (re)significação da paisagem nos dias atuais. IN: **II Encontro Regional do Grupo de Estudos Territoriais** – GETERRI - União dos Palmares, 2019.